

Imprensa, memória e esquecimento: um comparativo entre a forma que o Massacre do Sítio Caldeirão foi noticiado pela imprensa tradicional e popular¹

Keyssianne de Oliveira²
Centro Universitário 7 de Setembro (Uni7), Fortaleza, CE

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo realizar um comparativo entre a forma como um veículo de imprensa tradicional e um de comunicação popular abordam o massacre do Sítio Caldeirão realizado em dois momentos diferentes. Para tal comparativo, analisamos a notícia publicada na capa do Jornal O Povo em 11 de maio de 1937 e o ensaio publicado na revista Nação Cariri, 45 anos após o ataque. Buscamos identificar como termos pejorativos e apurações rasas dos fatos contribuíram para o apagamento do fato na história e memória do povo cearense.

PALAVRAS CHAVES: análise de notícias; análise do discurso; imprensa tradicional; comunicação popular; memória.

INTRODUÇÃO:

A região rural do Crato, conhecida como Sítio Caldeirão de Santa Cruz do Deserto ou Caldeirão dos Jesuítas, foi palco de um dos maiores massacres do Brasil em 1937. A comunidade era composta principalmente por camponeses e retirantes que procuravam melhores condições de vida em meio à seca e era liderada pelo beato José Lourenço, que propagava o ideal de igualdade cristão. A irmandade vivia da agricultura comunitária, em que o cultivo era dividido para o sustento de todos. Para O governo, a mecânica da comunidade era vista como uma ameaça a lógica de poder vigente. A primeira invasão, em 9 setembro de 1936, dissipou a comunidade por forças policiais. Já no segundo ataque, em 11 de maio de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social da UNI7, email: keyssmorais@gmail.com

1937, as Forças Armadas atacaram novamente os habitantes da comunidade que se amotinaram ao sopé da Chapada do Araripe, dessa vez um grupo de camponeses revidou o ataque armando uma emboscada para os soldados, que resultou na morte do Cap. José Bezerra, seu filho Anacleto Bezerra e um genro. Do lado dos camponeses, estima-se que houve mais de mil mortes, inúmeras cabanas metralhadas, corpos desaparecidos e famílias que foram separadas e tiveram que se refugiar nas regiões vizinhas.

Este trabalho realiza o comparativo entre a forma como dois veículos, um da imprensa tradicional e outro da comunicação popular noticiam o fato. Analisamos uma notícia do jornal local O Povo em comparação com um ensaio publicado na revista Nação Cariri 45 anos após o ocorrido. As notícias analisadas neste artigo foram coletadas da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional³ e do acervo da Biblioteca do Estado do Ceará (BECE), o método utilizado para garimpar tais notícias foi procurar pelo termo “fanático” nos anos em que aconteceram os dois ataques ao Sítio Caldeirão (1936 e 1937), assim tivemos acesso a inúmeras notícias sobre o fato, onde em todas elas os habitantes do Caldeirão eram chamados pejorativamente de “fanáticos.”⁴

ANALISE DE NOTÍCIAS:

A reportagem intitulada de “Luta e Morte na Serra do Araripe”, publicada em 11 de maio de 1937, pelo jornal O Povo, narra os fatos acontecidos no segundo ataque ao Sítio Caldeirão, em 9 de maio de 1937. O texto que ocupa grande parte da primeira página e a página oito inteira ganhou destaque de manchete da capa do Jornal, acompanhado do seguinte abre “Perdem a vida em uma impressionante Chacina, o Capitão José Gonçalves Bezerra e outros militares.”

Nota-se que o termo chacina é aplicado, mas em referência aos soldados mortos e não aos habitantes assassinados da comunidade. “Acaba de chegar a esta cidade o cadáver mutilado do Cap José Bezerra, vítima de uma emboscada dos fanáticos. Houve outras mortes registrando-se grandes baixas entre os fanáticos. A situação ainda não se está perfeitamente

³ Disponível no seguinte link: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁴ De acordo com o dicionário online Michaelis, “Fanático” é aquele que “1 - Se julga inspirado por uma divindade ou espírito divino qualquer; iluminado. 2 - Que tem excessivo zelo religioso; intolerante. 3 - Que se mostra demasiadamente entusiasmado, apaixonado, tomado por devoção cega a uma causa (política, religiosa etc.) ou pessoa; apaixonado, exaltado, obcecado.” No decorrer deste artigo vamos entender como o termo “fanático” era usado erroneamente para invalidar a história e cotidiano dos povos do Caldeirão.

“A luta foi escarnecida, havendo mortos e feridos de ambos os lados. Junto ao corpo do Capitão José Bezerra, foram encontrados três fanáticos mortos.”. Continua outro trecho da reportagem na mesma página. Percebe-se que os fanáticos eram tratados como indigentes, sem direito a identificação, como se a palavra “fanático” retirasse toda a humanidade dos moradores do Caldeirão, reduzindo-os a animais ou objetos, principalmente quando colocados ao lado de uma figura de prestígio público e oficial como o Capitão José Bezerra. No decorrer o texto, todos os oficiais mortos foram identificados e tiveram uma mini biografia de algumas linhas detalhando com honraria sua jornada na polícia. Outro parágrafo cita que os policiais mortos foram promovidos por ato de bravura *post mortem*.

“Entre os mortos vieram 3 bandidos que foram mortos pelos nossos bravos soldados. Cap J. Lima” - comandante interino da Campanha dizia em telegrama sobre o sepultamento dos oficiais mortos. Aqui eles trocam o termo “fanático” por “bandido” e fica claro que a morte dos “3 bandidos” é posto em posição de conquista quando em seguida se atribui o adjetivo de “bravo” aos soldados que mataram os habitantes.

“O Capitão José Bezerra lutou muito, até não poder mais, pois recebeu uma foiceada na nuca que provocou a exposição da sua maça encefálica. A morte desse oficial foi bárbara. O corpo do Capitão Bezerra está todo cortado, sua cabeça foi quebrada. O Sargento Anacleto, teve o rosto todo retalhado, tornando impossível reconhecer suas feições. Ambos os braços foram cortados nas canas. O sargento Josafá Gonçalves parece que foi pisado por um pilão.” Jornal O Povo, 1937, P.8

De fato, a violência com que se deu a luta ajudou para reforçar ainda mais o estereótipo de selvagens e bárbaros que já era difundido sobre os moradores do Sítio.

Em contra ponto aos trechos aqui analisados, 45 anos após o massacre, entre dezembro e janeiro de 1981 e 1982, o jornal Nação Cariri, tendo Rosenberg Cariry como um dos fundadores, publica um ensaio retratando toda a trajetória do Beato José Lourenço desde sua chegada a Juazeiro, abordando o sítio Baixa Dantas, morte do Boi Mansinho, Massacre do Sítio Caldeirão e a morte do beato no Sítio União, em Exu - Pernambuco. O jornal e revista Nação Cariri tinha como missão a valorização e divulgação da cultura popular, livre de estereótipos e preconceitos disseminados pelos veículos de comunicação em massa, as postagens traziam artistas ícones da cultura popular nordestina, como Patativa do Assaré até

O trabalho tinha caráter santificado e era tido como “penitência”, capaz de modificar o mundo e de preparar o advento do novo tempo. [...] A agricultura era cultivada por todos, havendo rodízios e remanejamentos. Depois da repartida com os membros da comunidade, o excedente da produção tinha uma parte armazenada para os maus tempos e outra comercializada com os povoados adjacentes e transformada em dinheiro, usada para adquirir objetos não produzidos pelos habitantes do Caldeirão [...] O beato incentivava o povo no seu trabalho e tinha ideias progressistas para a época”. *Jornal Nação Cariri*, 1981 e 1982,

Rosemberg narra de forma aprofundada a rotina do Sítio Caldeirão tal como sua organização de trabalho, sem apelar para estereótipos pejorativos como vimos nas notícias publicadas na época do massacre por veículos tradicionais. Em nenhum momento, Rosemberg atrela aos habitantes da comunidade o termo “fanático”.

Setores conservadores ligados a política regional, insuflados pelos proprietários de terra e pelo clero, encarregavam-se de espalhar boatos sobre o Beato José Lourenço e os habitantes do Caldeirão [...] Sem perda de tempo Norões Milfont alardeou a tese de que o Caldeirão constituía uma nova Canudos, que o beato guardava armamentos e que o ajuntamento, além de constituir sério perigo para o Estado e a ordem estabelecida, tinha francas tendências comunistas. *Jornal Nação Cariri*, 1981 e 1982.

Dentre os boatos que Rosemberg cita, podemos destacar: “O beato possuía um harém composto por 16 mulheres jovens e formosas” (30/09/ 1936 - *Jornal O Povo*), “Caldeirão vivia sob um regime de verdadeiro Comunismo. Os fanáticos trabalhavam para o Beato, em quem viam um Deus (*Gazeta de Notícia, Sem Página*, 1937), entre outros.

O Sr. Raimundo Filgueira da Silva (89), um dos poucos que narraram sua experiência como sendo negativa, ao ser perguntado sobre o tratamento do beato com as mulheres, nos disse: “Nunca vi cabimento dele com as mulheres, todas eram tratadas com respeito.” A mesma resposta ouvimos de D. Maria Madalena Filha (83): “Tudo é mentira, tudo é mentira, essa história que diz que tinha uma escada e o beato José Lourenço deitava no chão. Isso aí eu já ouvi falar, tenho nojo até de dizer. Era tudo intriga”. A declaração de Mizaél Pedro de Oliveira (92) confirma as versões anteriores: “Tratava todos muito bem, com respeito, e as mulheres mandando sempre rezar”.

SILVA, 2009, P.136

O Capitão José Bezerra foi enviado ao Caldeirão em missão secreta, disfarçado em comprador de algodão, para espionar o agrupamento. O beato o recebe como a todos os visitantes, fala que não pode vender o algodão, que é de propriedade comum e mostra-lhe o Caldeirão nos seus mais diversos aspectos. Jornal Nação Cariri, 1981 e 1982.

Nenhuma notícia publicada durante o período entre os 2 ataques cita o fato de o Cap. José Bezerra esteve tempos antes da invasão de 1936 no Caldeirão para espionar a rotina da comunidade. Poucos são os relatos do primeiro atentado, de 9 de setembro de 1936 ao Caldeirão, a imprensa concentrou seus esforços no segundo ataque, de 11 de maio de 1937, que contou com oficiais mortos, enquanto na primeira invasão apenas os habitantes do Caldeirão saíram prejudicados. Rosenberg narra com detalhes o primeiro ataque, enfatizando a submissão dos camponeses que não revidaram, a destruição das terras e dispersão da comunidade, quando os oficiais deram apenas poucos dias para as famílias pegarem seus pertences e partir, assim, estas “explicaram que não podiam partir levando consigo os seus pertences, posto que ali ninguém possuía nada, pois os bens eram de toda a comunidade.” Jornal Nação Cariri, 1981 e 1982.

Partindo do ponto de vista dos habitantes do Caldeirão, Rosenberg aponta o sentimento de “revolta” presente em alguns camponeses, principalmente em Severino Tavares, pelo primeiro ataque a comunidade, morte do cavalo Trancelim e em especial pela figura particular o capitão José Bezerra, já que se infiltrou na comunidade para espioná-la. Tal sentimento explica a violência com que os soldados foram surpreendidos no segundo ataque ao contrário do primeiro. Rosenberg se preocupa ainda em separar as intenções de Severino e aqueles que lhe apoiaram da postura do Beato que ainda preferia “acomodar-se”.

O revide policial acontecido após a morte do Cap. José Bezerra e seus companheiros foi também violenta, mas não encontramos registros dos prejuízos do lado camponês no segundo ataque. As narrativas focam apenas nas mortes dos soldados, ocultando os mais de mil camponeses mortos incinerados além dos fugitivos massacrados em Pernambuco e os aprisionados que tiveram seus corpos mutilados, como detalha Rosenberg.

Rosenberg finaliza seu texto destacando as homenagens que os habitantes do Caldeirão fizeram para o beato em sua morte e reconhece a comunidade como “uma das mais positivas experiências sociais já realizada no Brasil”.

CONCLUSÃO:

Finalmente, ao nos debruçar sobre este comparativo percebemos como as notícias da época do massacre (1936 e 1937) pautadas pelo preconceito retratavam apenas um lado do fato, aquele que favorecia as classes dominantes. Em contra ponto, mesmo que tardia, a comunicação popular aqui representada pelo jornal/revista Nação Cariri aponta para o lado da história que na época ninguém quis escutar. Assim, através de termos pejorativos, abordagem preconceituosa e apuração rasa dos fatos, é possível dizer que a imprensa foi uma das grandes responsáveis por tornar o massacre do Sítio Caldeirão legítimo e fazer com que a chacina fosse não apenas aceita mas também apoiada pela sociedade. Apenas 45 anos após o massacre, surge a revista Nação Cariri, um veículo de Comunicação Comunitária que recria toda a narrativa detalhando quem era o beato José Lourenço e sua trajetória de fé e resistência no sertão do Cariri.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA Maria. **Memória e História:** o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na Narrativa Histórica. P 42. 2011
- Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. Site: Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: Janeiro, Fevereiro, Março de 2024.
- Ceará Marginal. Rosenberg Cairi / **Nação Cariri**. Disponível em: <<https://cearamarginal.com.br/rosemberg-cariry.php>> Acesso em: 20/03/2024
- Dicionário online Michaelis. Significado de Fanático. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fanatico>> Acesso em: 19/03/2024.
- FONTELES, Kalil Tavares. **Preto e branco, azul e vermelho:** cultura popular, tempo e literatura no Jornal Nação Cariri (1980-1987). Fortaleza, 2021.
- Jornal O Povo. Fortaleza - CE. **Luta e Morte na Serra do Araripe**. 11 de mai.1937
- Jornal O Povo. Fortaleza - CE. **O Beato do Caldeirão**. 30 de set. de 1936
- Jornal Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. **Um Grande Núcleo de Fanatismo no Cariri**. 1937
- Jornal Nação Cariri. Crato - CE. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão da Santa Cruz**. Ano 1. N 5. 1981/82
- SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.